

# AS CARACTERÍSTICAS ENTOACIONAIS PRESENTES NA LEITURA DE PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

Rosicleide Rodrigues GARCIA<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i1.3369>

**Resumo:** Esta pesquisa avaliou a leitura de 40 professores de diferentes disciplinas, e 110 alunos de 10 a 18 anos, pertencentes ao 3º ano do EF à 3ª série do EM, estabelecendo como controle 1 profissional de Língua Portuguesa, para verificar suas entoações durante a leitura de um nanoconto. Sob o uso do aplicativo ExProsódia® (FERREIRA NETTO, 2010), as informações avaliadas por meio da análise automatizada dos dados observaram que alunos e professores produzem uma leitura de entoação neutra – conforme previsto por Cagliari (2002). Ou seja, cerca de 60% realizaram apenas uma frase entoacional, cuja curva de  $F_0$  teve um movimento oblíquo, direção descendente, finalização plagal e produção irregular de pausas perceptíveis, contrariando o controle, que realizou duas frases entoacionais, com finalização autêntica, dando ao texto a interpretação poética esperada. Além disso, também se verificou que a entoação na leitura começa a ser perceptível a partir do 3º ano do ensino fundamental, quando a criança apresenta mais fluidez ao ler um texto. Todavia, mesmo que os dados tragam uma regularidade em relação aos resultados gerais, percebe-se que as leituras não revelam uma uniformização no ato de ler em se tratando de alunos e professores.

**Palavras-chave:** Fonologia. Fonética experimental. Entoação. Leitura. Compreensão de texto.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [rhozzi@alumni.usp.br](mailto:rhozzi@alumni.usp.br); <http://orcid.org/0000-0001-9857-961X>

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

## *THE INTONATION CHARACTERISTICS PRESENT IN THE READING OF ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS AND STUDENTS*

**Abstract:** This research studied how 40 teachers from different disciplines and 110 students (10 to 18 years old, from the 3rd grade of basic education to the 3rd grade of high school) read a work. For this, a Portuguese-speaking professional was established as a control to verify how the intonations occur during the reading of a mini-story and how this process is linked to the understanding of the texts. Using the ExProsódia® application (FERREIRA NETTO, 2010), the data obtained through automated data analysis observed that students and teachers produce a neutral intonation reading - as predicted by Cagliari (2002). In other words, about 60% made only one intonation phrase, and the F0 curve had an oblique movement, downward direction, plagal ending, and irregular production of noticeable pauses. Some of these data contradict the control because he pronounced two intonational phrases with an authentic ending, and this made the text have the expected poetic interpretation. In addition, the study observed that intonation in reading begins to be noticeable from the 3rd year of elementary school, when the child is more fluent when reading a text. However, even if the data bring regularity in relation to the general results, the readings do not reveal a normalization in the act of reading in the case of students and teachers.

**Keywords:** Phonology. Experimental phonetics. Intonation. Reading. Text interpretation.

### **Introdução**

Este estudo pertence à pesquisa de pós-doutorado que buscou verificar como ocorre o processo de leitura em voz alta de alunos e professores do ensino básico. Após dois artigos anteriormente publicados, neste observaram-se estudantes do 3º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio e profissionais de diversas disciplinas, de maneira a compreender como é dada a entoação durante a realização da leitura.

A motivação desta análise surge da necessidade de entendermos como esse processo realizado na escola auxilia ou não a interpretação de textos, já que, durante o ato da fala, a forma entoacional pode ser expressiva, de chamamento ou representativa (BÜHLER, 2011 [1934]); demarcativa, modal, emotiva (ROMPORTL, 1973); de segmentação, significação e integração (HAZAËL-MASSIEUX, 1983), e marcadora de gênero do discurso, caracterizadora do locutor e morfossintática (PILCH, 1977). Embora não se referisse à leitura de textos, Brazil (1985) pontuou a importância da entoação para o ato da compreensão,

sabendo-se que a produção de seus enunciados se dá de acordo com o contexto situacional e informacional.

Dessa forma, mesmo que uma pessoa possa ressaltar, por meio da entoação, o que é relevante ou não durante o processo de leitura, o que se tem comumente é uma prática em que as peculiaridades da entoação não costumam ser trazidas: segundo Cagliari (2002), o ato de ler realizado na escola teria a orientação de ser extremamente regularizado com controle de tom e emotividade.

Tendo em vista essas observações, esta pesquisa utiliza a fonética experimental como metodologia para analisar a entoação das frases proferidas por um grupo selecionado, tendo, como objetivo principal, estudar os fatores entoacionais da leitura em voz alta de alunos e professores do ensino básico, e, como fator adicional, identificar quando a entoação começa a ser executada por uma criança durante o ato da leitura em voz alta. Sendo assim, com os resultados obtidos por meio da fonética acústica experimental proporcionada pelo programa ExProsódia<sup>2</sup> (versão 2018), este estudo propôs-se a analisar o assunto entoação e leitura, para, em momento pertinente, observar como eles estariam unidos de modo a promover a compreensão e a interpretação de textos de práticas escolares.

## A metodologia e os procedimentos de pesquisa

A inspiração da pesquisa partiu de um estudo realizado por Ferreira Netto, Consoni e Peres (2009) para estabelecer diferença entre o texto lido e a fala espontânea, sendo que, à época, constatou-se haver uma tendência mais acentuada na finalização das frases em textos lidos. Ou seja, essa finalização frasal pode ocorrer de forma distinta, sendo chamada de finalização autêntica – isto é, produz-se um tom médio fundamental cuja finalização se dá por meio de uma declinação pontual. Em contrapartida, existe também a finalização plagal, o que significa que a frequência fundamental possui a declinação muito próxima ao tom médio (TM) estabelecido pelo falante, logo, a percepção que temos é de que a frase foi realizada sem muita diferença entoacional. Por conseguinte, estudando-se o número de frases entoacionais<sup>3</sup> emitidas por um informante, assim como a direção da curva, o seu

2 O aplicativo ExProsódia está registrado no INPI, pela Universidade de São Paulo, sob número 08992-2, conforme publicação no RPI 1974, em 04/11/2008. ExProsódia – Análise automática da entoação na Língua Portuguesa (FERREIRA NETTO, 2008).

3 O programa ExProsódia reconhece a formação das frases entoacionais por meio de sua constituição prosódica, que leva em consideração fatores como delimitação do contorno entoacional e possibilidade de ocorrência de pausas; interação dos componentes sintático, semântico/pragmático e fonológico da gramática; e construções que formam sintagmas entoacionais, como vocativos, expressões parentéticas, entre outros. Isto é, formações que, de alguma maneira, modificam o desempenho da entoação de maneira a serem captadas na execução do  $F_0$ .

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

movimento e a média de  $F_0$ , a finalização e o número de pausas, é possível observar como estão se comportando as leituras realizadas em sala de aula. Assim sendo, por meio dos fatores mencionados, também é possível verificar marcas emotivas (SCHERER, 2005; WU; FALK; CHAN, 2011; VASSOLER; MARTINS, 2013), e se esses elementos, que são produzidos e reconhecidos naturalmente durante um ato de conversação, poderiam ser repassados durante uma leitura.

Tendo isso posto, este estudo promoveu uma pesquisa de campo que contou com a participação de 151 informantes<sup>4</sup>, sendo eles:

- 40 professores do ensino básico: 10 professores polivalentes do ensino fundamental I; 30 especialistas do ensino fundamental II e médio das disciplinas de biologia/ciências, educação física, física, química, matemática, geografia, história, informática, inglês e português;
- 110 alunos de 8 a 18 anos: 10 alunos de cada segmento, do 3º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio.
- 1 professor controle de língua portuguesa.

Não foi estabelecida a separação entre gêneros para a classificação dos informantes, porque, numa análise prévia de teste estatístico, os resultados não promoveram diferenças significativas, assim como o fator faixa etária para os professores. E o critério para a escolha do controle, que serviu como ponto de comparação, partiu do princípio de a pessoa ser uma profissional de Letras cujo gráfico revelasse a produção de uma entoação pertinente às orientações de gramáticas escolares, ou seja, estabelecendo pausas e finalizações em situações previstas normativamente e identificadas pelos sinais de pontuação. Tais preceitos foram instituídos, tendo em vista que, no ambiente escolar, é solicitado o cumprimento de tais normas estabelecidas pelos manuais didáticos, e o professor de português é geralmente o responsável pelas orientações.

Após ter isso determinado, para a análise da entoação, foi realizada a gravação da leitura na íntegra do seguinte nanoconto de Neide Silva (2017):

Sonhos

Não conseguiu dormir. Mas ao amanhecer lembrou-se de todos os seus sonhos.

---

4 A pesquisa com recrutamento de seres humanos, registro CAEE nº 99329718.7.0000.5561, foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de São Paulo, parecer nº 3.018.567.

O método de coleta foi o mesmo utilizado em Garcia (2020), isto é, a leitura foi gravada usando meios digitais, como o gravador do celular ou de mídia social. Para não comprometer a natureza dos dados de modo que os informantes se sentissem pressionados, e mantendo-os mais à vontade com a coleta da informação, não foi usada cabine acústica ou local especial de gravação: eles tiveram a liberdade de gravar fora da sala de aula e sem orientação direta de como a leitura deveria ser feita. Todavia, foi solicitado que as gravações ocorressem em lugares reservados para que barulhos externos não comprometessem a análise.

Em relação ao nanoconto, ainda seguindo Garcia (2020), este foi escolhido devido à sua liberdade literária, em que a pontuação não obedece restritamente à norma culta. Ao estudarmos o trecho, percebe-se que a Neide Silva utilizou três orações divididas em dois períodos: a primeira foi declarativa e encerrada por um ponto final, trazendo um término da ideia. Em seguida, a afirmação é contraposta por uma conjunção coordenativa adversativa/aditiva que, logo após, é intercalada por uma subordinada adverbial temporal deslocada, mas que não foi isolada por vírgulas – sendo que o uso destas seria a forma orientada pela gramática normativa (BECHARA, 2007).

Essa construção faz com que, interpretativamente, o nanoconto possua seu teor poético ressaltado. Isso ocorre, pois, ao fazer a primeira afirmação e já a encerrar, a autora torna-a mais categórica. E, ao não isolar a oração subordinada adverbial temporal após a contraposição da conjunção adversativa/aditiva, ela pode (i) colocar o “amanhecer” opondo-se ao dormir, ou (ii) adicionar mais um acontecimento igualmente relevante para a história. Assim, ressalta-se que ela teve seus devaneios por ter passado todo o período noturno acordada.

Justamente por não ser um texto cuja pontuação seja óbvia, a leitura desse nanoconto pode gerar mais de uma interpretação para o seu leitor, pois este, de acordo com Cagliari (2002), busca a leitura por meio de sua intuição. E, não havendo uma pontuação rígida – conforme estabelecida pelas gramáticas escolares –, esse leitor pode não reconhecer qual entoação deve ser utilizada para evidenciar os elementos semânticos. Logo, a escolha desse nanoconto foi realizada para a pesquisa verificar qual tendência seria mais comum a ser seguida pelo leitor-voluntário.

Dessa forma, os critérios para interpretar o texto e projetar a entoação da leitura variariam da seguinte forma:

1. Leitores com uma boa percepção sintática, isto é, aqueles que conseguem perceber os valores dos sintagmas e a relação deles entre si, poderiam trazer uma entoação que distinguiria as três orações e estabeleceriam até duas frases entoacionais;

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

2. Leitores com pouca percepção sintática, mas que observam a pontuação adotada no texto, respeitariam o ponto da primeira frase e poderiam até produzir duas frases entoacionais, mas sem a entoação que distinguísse as três orações;
3. Leitores que não dão atenção à pontuação, períodos sintáticos, ou mesmo despreocupados com a entoação dada a um texto, poderiam produzir a leitura sem a produção de marcas prosódicas.

Para essas observações, os áudios foram editados pelo programa *Audacity* 2.1.2, convertidos em ondas sonoras e valores numéricos utilizando o programa SFS (*Speech Filing System*) para, então, serem avaliados pelo ExProsódia®, versão 2018. Esse último faz o cálculo de  $F_0$  a partir dos valores gerados por meio da decomposição do ritmo tonal formado pela finalização (F), sustentação (S), foco/ênfase (E) e o acento lexical (A), de acordo com a hipótese de Xu e Wang (1997). Logo, da decomposição de  $F_0$  desses quatro elementos obtém-se o tom médio ideal (TM), que, segundo Kuhl *et al.* (2001), é a forma prototípica de um falante.

A partir dessas informações e, sabendo que a fala é um sequenciamento de ciclos de ondas sonoras periódicas, toma-se o cálculo da série temporal para se analisar a entoação. Para isso, a base de cálculo do ExProsódia (FERREIRA NETTO; CONSONI; PERES, 2009) considera a fórmula  $Z_t = S_t + F_t + E_t (+A_t)$ , em que (i)  $Z_t$  é o valor observado da série temporal (ST) no momento  $t$  a partir da subtração do  $TM_{t-1}$ ; (ii)  $S_t$ , sustentação, definido pela extração de  $F_t$  e  $E_t$  de  $Z_t$ , ou de  $7st^5$  de  $TM_{t-1}$ ; (iii)  $F_t$ , a finalização, obtida pelo cálculo  $TM_{t-1} - 7st$ ; (iv)  $E_t$  considera-se o foco/ênfase, com a definição de que, caso o  $E_t$  tenha  $Z_t$  maior do que  $TM_{t-1}$ , deve-se extrair  $TM_{t-1} + 3st$  de  $Z_t - 1$ , e com  $Z_t$  menor do que  $TM_{t-1}$ , extrai-se  $F_{t-1} - 4st$  de  $Z_{t-1}$ ; e (v)  $A_t$  é o acento lexical.

E, por meio dos resultados, é possível obter:

- o número de frases entoacionais produzidas pelos informantes: sabendo-se que as frases entoacionais estão relacionadas à curva de  $F_0$ , é possível verificar como o falante realiza o agrupamento das palavras prosódicas;
- a direção da curva de  $F_0$ , se descendente (grave) – função conclusiva – ou ascendente (aguda) – função de continuidade (TROUBETZKOY, 1964) ou questionamento;

---

5 O valor de  $7st$  é considerado por Ferreira Netto e Consoni (2008) como o intervalo ideal decrescente do tom médio.

- o movimento pontual, em que se exige a retomada da tensão inicial durante a formação dos ciclos da fala (FERREIRA NETTO, 2016), com aspectos de proeminência acentual durante o discurso; ou oblíquo, cuja exigência não aparece tão ressaltada;
- se a finalização foi autêntica ou plagal: a partir dessa finalização, somos aptos a inferir se a frase foi bem articulada ou não, tendo em vista a proximidade do tom médio e sua finalização;
- o número de pausas durante o procedimento de leitura (GARCIA, 2020).

Assim sendo, como a entoação é uma sucessão de tons, sendo iguais ou diferentes (FERREIRA-NETTO, 2010), o conjunto dessas informações é capaz de evidenciar como o falante se comporta e como são estabelecidos seus hábitos e costumes em relação à leitura do texto verbal.

### **A entoação como parte da leitura no currículo da educação básica**

Examinando os Parâmetros Curriculares Nacionais, Marcuschi (1998) menciona que a linguagem não deve ser apenas categorizada como um instrumento pronto a ser identificado, de modo que a escola deve preparar o aluno para que a utilize de maneira mais significativa. Segundo o autor, a “língua é muito mais do que um instrumento. Pois o uso da língua é também uma atividade em que organizamos o mundo construindo representações sociais e cognitivas” (MARCUSCHI, 1998, p. 10). Assim, compreende-se que o ensino também deva ser mais do que um seriado de atividades de decodificação. Todavia, durante o processo de desenvolvimento da leitura, a língua passa a perder as funções que lhe são devidas durante a fala, conforme mencionado por Cagliari (2002).

Em análise ao *Dicionário de Linguística* de Dubois *et al.* (1998), Corrêa (2006, p. 279) observa que, em uma das acepções sobre o termo *falado*, o dicionário menciona que, em caso de dialetos, as formas e os trejeitos locais não aparecerão na escrita, e o autor conclui: “escrever adequadamente é, pois, marcar essa falta de correspondência entre as formas faladas e as formas escritas”. Isso é confirmado por Marcuschi (2010), ao pontuar que a escrita não consegue transcrever as sinalizações entoacionais de nossa fala, fazendo com que percamos indícios fundamentais da comunicação.

Todavia, é fato que, embora a escrita não consiga revelar entoações, no momento em que ela é produzida, o emissor tem em sua mente a forma como ele falaria uma informação ali transcrita, com pontos entoacionais, conforme aponta Dahlet (2006, p. 295), ao dizer que “não há linguagem sem entonação, então, é preciso concordar

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

também sobre o fato de que a linguagem mental é dotada de entonação”. Ou seja, ao se promover um pensamento, antes de registrá-lo de forma escrita, será natural darmos traços emotivos a ele, o que tentará ser traduzido por meio da pontuação adotada. Além disso, o texto traçará dicas ao leitor, de modo que ele entenda qual é a sua intencionalidade e, assim, caracterize a interpretação que o autor deseja que ele receba.

Todo esse processo é facilmente compreendido por meio de uma produção de texto dramático, em que não somente a pontuação estabelece o sentimento desenvolvido no discurso, como também há as rubricas que mobilizam os atores a agirem de forma determinada, o que facilita a interpretação de sua leitura e, por fim, a encenação. Porém, tal característica é própria desse gênero textual, que é produzido para ser lido adequadamente, conforme a vontade de seu autor. Os demais, mediante mencionado por Cagliari (2002, p. 57), tendem a ter sua “entoação mental” neutralizada durante o processo de leitura, produzida sob um tom regular desprovida de sentimentos.

O fato é que esse processo é mais do que um reconhecimento de caracteres. De acordo com Morais *et al.* (1997), durante o processo de aquisição da escrita, a consciência fonêmica e a aprendizagem da leitura são elementos simbioticamente coligados, já que “depois de terem desenvolvido tais códigos fonêmicos conscientes, os alfabetizados podem ter-se tornado aptos a usá-los também no reconhecimento da fala”. Dessa forma, sendo o indivíduo capaz de reconhecer os elementos de comunicação nos objetos escritos, e vice-versa, por identificar neles a tradução de suas palavras, é comum que se busquem também os elementos de entoação. Ao usarmos um ponto final, por exemplo, em teoria o leitor vai compreender que, durante um processo de leitura, haverá uma declinação tonal trazendo uma finalização pontual, dando encerramento à informação.

E, nesse ponto, chegamos à problematização do fator da aprendizagem: sabemos que ocorre nos primeiros anos de escolarização o momento de desenvolvimento da consciência fonêmica e, com ele, o processo de letramento. Todavia, segundo Milanez (1993), a escola privilegia o ensino da língua escrita, desprezando os registros orais na descrição do idioma, não havendo, assim, o desenvolvimento de atividades orais que complementem o seu ensino, de maneira que elementos prosódicos, como a pausa, entoação, ritmo, sejam considerados durante a prática pedagógica, já que também se tratam de mecanismos coesivos da expressão.

Somando a isso, Cagliari (2002) ainda menciona que os estudos destinados à prosódia são muitas vezes reduzidos a análises fonéticas, com pouca descrição do que realmente ocorre na oralidade, afirmando que “para a maioria dos linguistas, os elementos prosódicos não passam de adornos, que acompanham as estruturas sólidas de descrição



linguística ‘básica’”. E, ao discutir como os estudos fonológicos ainda são deficitários nos manuais escolares que tratam da língua, menciona a obra de Bechara que “não vai além de caracterizar certos tipos de frases como afirmativas, interrogativas por meio da entoação”.

Após se levar tudo isso em conta, observa-se que foi somente em 2017 que essas preocupações foram consideradas como objeto para o ensino da língua a partir da formação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse caso, o documento prevê o desenvolvimento da competência relacionada à prática de leitura no Eixo da Oralidade, orientando, entre outros métodos, a necessidade de se buscar a relação entre fala e escrita – considerando o modo como as duas modalidades se articulam – e a oralização do texto escrito, “considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros” (BRASIL, 2017, p. 76). Além disso, há a preocupação, dentro desse eixo, de que se produzam atividades em que a entoação, pausa, ritmo, bem como as expressões faciais e uso da respiração sejam aplicadas, de forma que o aluno desenvolva com plenitude suas habilidades comunicacionais.

Ou seja, para que a leitura seja devidamente articulada aos gêneros orais, tem-se a consideração do ensino dos elementos constituintes da prosódia. Todavia, percebe-se que a preocupação com os fatores entoacionais durante a leitura não parece estar vinculada com o fato da interpretação textual. Nota-se, portanto, no documento, a atenção ao desenvolvimento da habilidade comunicativa, mas a interpretativa não caminha em conjunto. E isso é um ponto a ser repensado, já que os estudos sobre a aquisição da linguagem demonstram como a entoação é fundamental para a formação comunicacional da criança.

Sob esse viés, de acordo com Kuhl *et al.* (2006, p. 25), bebês têm a compreensão da linguagem por meio da entoação. Conforme os autores, “entre os seis e os nove meses, as crianças exploram as pistas prosódicas para detectar padrões relacionados ao acento ou à ênfase típica de palavras de sua língua materna”. A isso, junta-se o maternalês, ou *child directed speech*, em que o adulto, instintivamente, modifica seu padrão fonético para estabelecer comunicação com a criança, de modo que facilita a sua aprendizagem (KUHLL *et al.*, 2006). Segundo os autores: “mensurações de fala dirigida a crianças mostraram que adultos aumentam o *pitch* habitual em, pelo menos, uma oitava e que o contorno entoacional melopeico desses sinais é universal”. Logo, essa fala com maior sonoridade torna as palavras mais distintas para as crianças, atraindo-lhes a atenção e as instruindo. Ainda de acordo com os estudiosos (2006, p. 41), “o maternalês é simplesmente uma manifestação de um sistema de comunicação orientada para o ouvinte que se desenvolveu para focalizar o ouvinte”.

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

Dando seguimento ao desenvolvimento da criança, numa pesquisa sobre a fala dos alunos e professores das séries iniciais do ensino fundamental, Garcia (2018) reconheceu que as educadoras utilizam o *child directed speech* durante o processo de alfabetização. No caso, as profissionais, que apresentaram uma finalização autêntica durante um processo de diálogo comum, realizaram a finalização plagal em contato com seus alunos. É pertinente mencionar que, segundo o estudo, as crianças que são introduzidas às práticas escolares tendem a mudar a sua finalização, partindo da plagal para a autêntica, a partir dos cinco/seis anos de idade. Logo, ao praticar a busca pela finalização plagal, as professoras estão se aproximando da fala das crianças para, assim, facilitar seu processo de aprendizagem.

Dessa maneira, percebe-se que a criança acompanha um processo de ensino-aprendizagem em que os elementos prosódicos são essenciais para a sua formação. E, ainda que tais procedimentos se iniciem na primeira infância e a acompanhem até o período de alfabetização, não há orientações específicas que interliguem o processo de leitura com a forma entoacional.

### **Análise dos dados dos professores**

Inicialmente, comparam-se dois gráficos distintos, o 1 e o 2, em que temos: o eixo vertical à esquerda revela os valores em Hertz; e, à direita, em milissegundos (ms). A linha contínua acima é relativa ao TM superior (F/E sup.), e a linha contínua abaixo é o TM inferior (F/E inf.). A linha cinza pontilhada é o  $F_0$  das UBIs; a vermelha pontilhada é o TM/reset; e a azul pontilhada é o TM/total, referente à variação global. A linha pontilhada cinza demonstra a frequência fundamental exercida pelas UBIs (sigla adaptada da expressão inglesa *Unit of Base of Intonation*). Na metodologia aqui seguida, adota-se o cálculo por meio dessas unidades, pois, segundo Ferreira Netto e Martins (2020, p. 9),

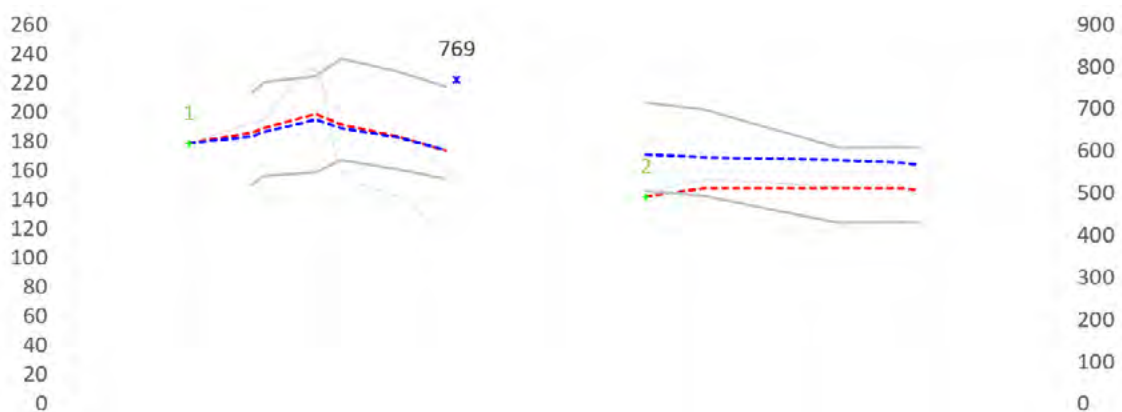
O princípio linguístico adotado para sua definição é de que a variação de  $F_0$  não se dá exclusivamente dentro dos limites de uma unidade fonológica, como o segmento ou a sílaba e pode ter dimensões variadas. Deste modo, uma sequência como [da.du] teria somente uma UBI, definida pela sonoridade dos elementos que a compõem. Por sua vez, a palavra [da.tu] teria, em tese, duas UBIS: da/-a.

Assim sendo, no gráfico 1, o teste z de  $F_0$  das UBIs, fornecido pelo controle, revelou uma pronúncia simples dessas unidades. Embora tenha havido um alongamento, aumentando a medida em Hertz da frequência em um momento da fala, este não foi o suficiente para modificar o resultado. Tal observação revela que há proeminência em um

certo ponto da leitura, mas, de modo geral, estabeleceu-se simetria em maior parte dela. No caso, o realce foi dado ao termo “conseguiu”, dando, logo após, a finalização seguida de pausa.

Sobre a direção tonal, a frequência fundamental teve uma curvatura descendente nas duas frases entoacionais do controle, realizando a função conclusiva do texto. E, em se tratando da finalização e da proposta do nanoconto sobre o fato de o primeiro período ser mais assertivo, o controle produziu um movimento pontual no término da primeira frase. A segunda, por sua vez, foi realizada de forma oblíqua, tendo em vista o término da oração e sua descontinuidade informacional. Além disso, a primeira finalização foi autêntica, o que demonstra que a frase foi proferida de maneira mais articulada e o fator proeminente trouxe emotividade ao texto; por outro lado, a segunda frase teve finalização plagal: embora tenha havido proeminência no termo “todos”, em que o controle deu maior prolongamento à primeira unidade, o ruído das fricativas alveolares vozeadas não garante uma boa definição articulatória devido aos valores intermediários de amplitude.

**Gráfico 1.** Representação da entoação realizada pelo controle durante a leitura do nanoconto “Não conseguiu dormir. Mas ao amanhecer lembrou-se de todos os seus sonhos”



**Fonte:** Elaboração própria

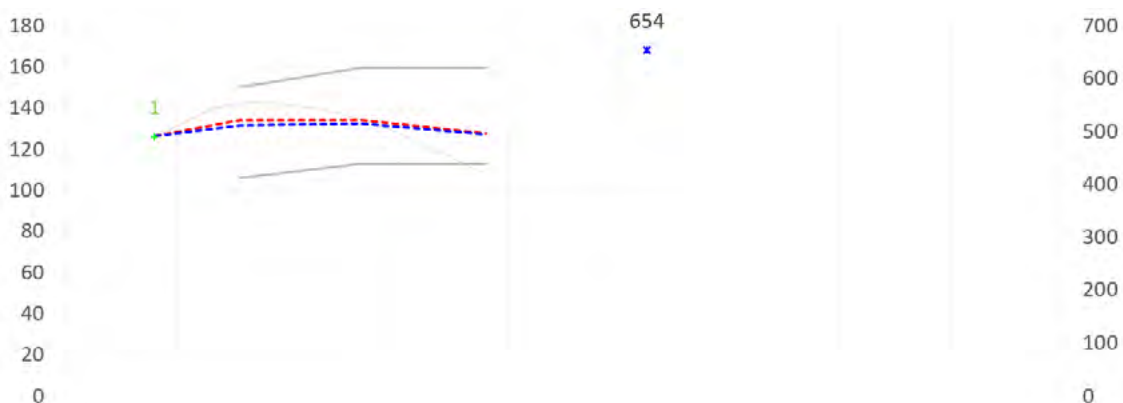
No Gráfico 2, diferentemente do controle, percebe-se que tais considerações não foram abordadas, mesmo que a leitura tenha sido realizada por um professor. Primeiramente, percebe-se que a direção da frequência fundamental é descendente, como a do controle, mas a finalização é oblíqua e plagal. E, ao observarmos o  $F_0$ , compreende-se que a leitura não apresentou índices emocionais, mantendo a articulação monótona e sem expressividade.

Também é importante notar que o informante produziu uma frase entoacional, não estabelecendo pausas perceptíveis, a não ser na finalização. Além disso, o teste z indica que a produção das UBIs finais foi alongada, porém, ao analisarmos o  $F_0$ , percebe-se que

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

não houve proeminências. Dessa forma, o alongamento das UBIs aparece, pois o leitor não estabeleceu pausas entre as unidades de maneira que houvesse uma fronteira de constituintes prosódicos.

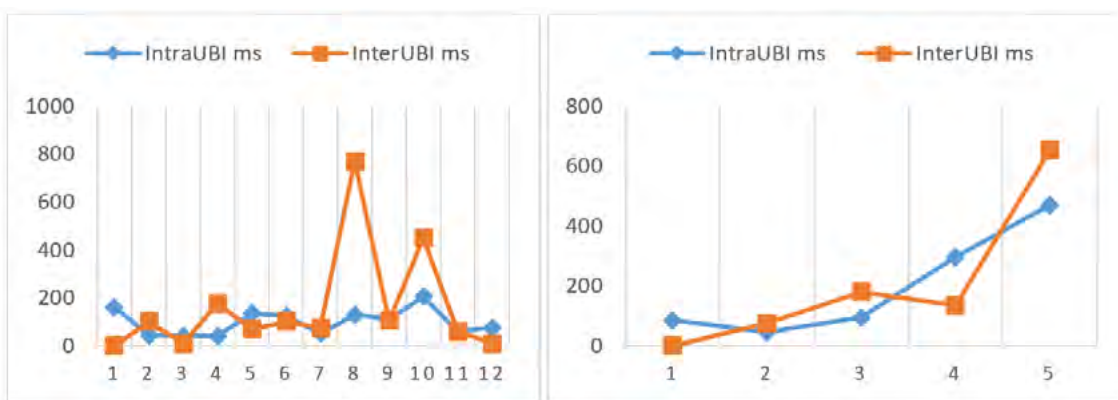
**Gráfico 2.** Representação da entoação realizada por um professor durante a leitura do nanoconto “Não conseguiu dormir. Mas ao amanhecer lembrou-se de todos os seus sonhos”



Fonte: Elaboração própria

Tais afirmações estão representadas nos gráficos a seguir, em que temos: o eixo vertical à esquerda revela os valores em milissegundos (ms), e o eixo inferior demarca a quantidade de UBIs detectadas durante a leitura. A linha azul trata-se das unidades intraUBIs, ou seja, o tempo de ocorrência de cada constituinte prosódico. A linha laranja refere-se às unidades interUBIs, isto é, o tempo perceptível entre os constituintes prosódicos.

**Gráfico 3.** Representação das pausas realizadas pelo controle à esquerda, e professor X à direita



Fonte: Elaboração própria

No gráfico à esquerda, pertencente ao controle, percebe-se o número de 12 intraUBIs, contra cinco do professor analisado. A linha laranja do controle possui duas

ênfases indicando que, num dado momento da frase, houve pausas perceptíveis, o que não ocorre no gráfico à direita.

Essa foi uma amostra da leitura praticada por um profissional, de forma a exemplificar que não existe uma preocupação entoacional efetiva com a forma como se lê algo. Sobre os demais informantes, embora haja a predominância de algumas características (execução de apenas uma frase entoacional, com direção descendente, movimento oblíquo, finalização plagal, produção simples de UBIs finais e realização de pausas), elas diferem do controle e não seguem uma lógica pré-estabelecida conforme demonstram os números. Destaca-se, também, que um estudo completo sobre a análise das pausas e o processo entoacional executados pelos professores foi realizado por Garcia (2020), mas esta pesquisa demonstra algumas diferenças dos resultados publicados anteriormente por aqui se ter assumido um controle.

Dessa maneira, os dados demonstraram que, dos 40 professores:

- 57% realizaram uma frase entoacional; apenas 27,5% fizeram o ideal, isto é, duas frases entoacionais; e 15% produziram três frases entoacionais, promovendo a terceira pausa em pontos distintos da narrativa;
- A direção descendente da frequência fundamental ocorreu em 65% dos casos, havendo 17,5% de informantes que produziram somente a ascendente, e outros 17,5% que, na divisão das frases entoacionais, formularam ambas as direções. Porém, 27,5% das pessoas que fizeram o  $F_0$  ascendente produziram-na no encerramento do nanoconto;
- O movimento foi pontual para 12,5% dos professores; 70% apresentaram o oblíquo; e 17,5% realizaram os dois ao produzirem mais de uma frase entoacional. É necessário lembrar que o movimento oblíquo atende o identificado por Cagliari (2002) acerca da neutralidade durante a leitura;
- A finalização teve 45% de ocorrências plagais – novamente, corroborando Cagliari –, 35% autênticas e 20% mistas (ou seja, houve as duas formulações);
- O teste z da UBI final demonstrou que 52,5% foram simples, 30% apresentaram-se como alongadas e 17,5% fizeram as duas;
- Em relação às pausas, 70% dos professores produziram-nas, sendo que 57,5% as realizaram após a subordinada adverbial temporal, 30% as realizaram após o ponto da primeira oração e 12,5% não as fizeram.

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

## Análise dos dados dos alunos

A pesquisa sobre a entoação na leitura iniciou-se com as crianças de oito anos de idade pertencentes ao 3º ano do EF. Os dados começaram a ser coletados nesse período, porque, até o 2º ano, a maioria dos alunos ainda estão no processo de decodificação das palavras, lendo silabadamente e com grandes pausas. Na verdade, foram coletadas algumas amostras que não puderam ser utilizadas, pois apenas 20% dos estudantes desse estágio conseguiram desempenhar uma leitura fluente. Sendo assim, esse fato revelou que a entoação na leitura começa a ser formada geralmente ao final do primeiro ciclo, que ocorre justamente no 3º ano, aos oito/nove anos de idade.

Os resultados obtidos estão resumidos na Tabela 1, em que se estabeleceu: (1) na primeira linha abaixo de “Frasas entoacionais”, está a quantidade de frases realizadas pelos alunos, de 1 a 4; (2) na linha inferior de “Direção de  $F_0$ ”, há a nomenclatura de “descendente”, “ascendente” e “Misto”; (3) logo após “Movimento de  $F_0$ ”, a tabela traz os elementos “Pontual”, “Oblíquo” e “Misto”. Na primeira coluna, estão descritas as idades das crianças, e no campo central há a quantidade de realizações dos elementos executada por elas.

**Tabela 1.** Levantamento do processo de entoação realizado pelos alunos do ensino básico

	FRASES ENTOACIONAIS				DIREÇÃO DE $F_0$			MOVIMENTO DE $F_0$		
	1	2	3	4	DESC.	ASCEND.	MISTO	PONT.	OBLÍQ.	MISTO
8 anos	2	5	2	1	3	2	5	0	4	6
9 anos	4	4	1	1	5	3	2	1	4	5
10 anos	5	3	2	-	3	2	5	3	7	2
11 anos	7	2	1	-	6	2	2	-	7	3
12 anos	4	5	1	-	6	2	2	1	6	3
13 anos	7	3	-	-	7	2	1	2	6	2
14 anos	7	1	2	-	7	2	1	-	7	3
15 anos	10	-	-	-	4	6	-	2	8	-
16 anos	8	2	-	-	6	3	1	1	7	2
17 anos	5	4	-	1	7	-	3	3	6	1
18 anos	6	3	1	-	7	2	1	2	5	3

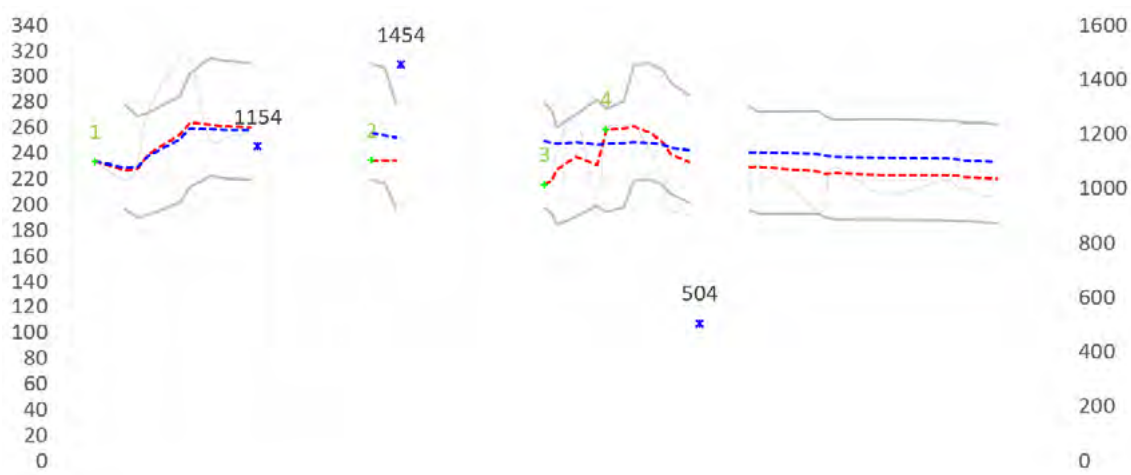
**Fonte:** Elaboração própria

Nessa primeira amostragem da tabela 1, percebemos que existe um desenvolvimento em relação à fluidez da leitura, mas não há uma uniformização em que determinado

ato é executado da mesma forma por todos, tal qual ocorre com os professores. Neste contexto, o desenvolvimento refere-se à diminuição do número de frases entoacionais proferidas: conforme explicado, esse nanoconto possibilita a formação de até duas frases entoacionais; todavia, neste estudo, revela-se que algumas crianças não apresentam fluidez, pois elas agrupam elementos fonológicos indevidamente, como o exemplo demonstrado no Gráfico 4, além de exibirem uma leitura silabada com pausas excessivas.

Nesse gráfico, o aluno uniu em um grupo entoacional o trecho “Não conseguiu dormir mas ao”, dando proeminência à unidade final do termo “conseguiu”, pois, durante o processo de leitura, ele apresentou dúvidas sobre qual pronúncia o grafema “gu” – fonema /g/ - adotaria, por isso o acento recai justamente nesse trecho. Seguindo a leitura, ele criou outro agrupamento entoacional quando proferiu pausadamente “amanhecer”, dando uma pausa perceptível de 1455ms após, e a terceira oração a partir do vocábulo “lembrou-se”, o qual executou de maneira mais silabada, modificando novamente a entoação utilizada no texto. Por fim, ao retomar a fluência, fez com que surgisse o 4º agrupamento entoacional (demonstrado pelo nº 4 do gráfico), finalizando o nanoconto. As finalizações utilizadas em três frases entoacionais foram ascendentes, pois o informante manteve, durante a leitura, a intenção de continuidade.

**Gráfico 4.** Representação da entoação realizada por um aluno do 3º ano do EF



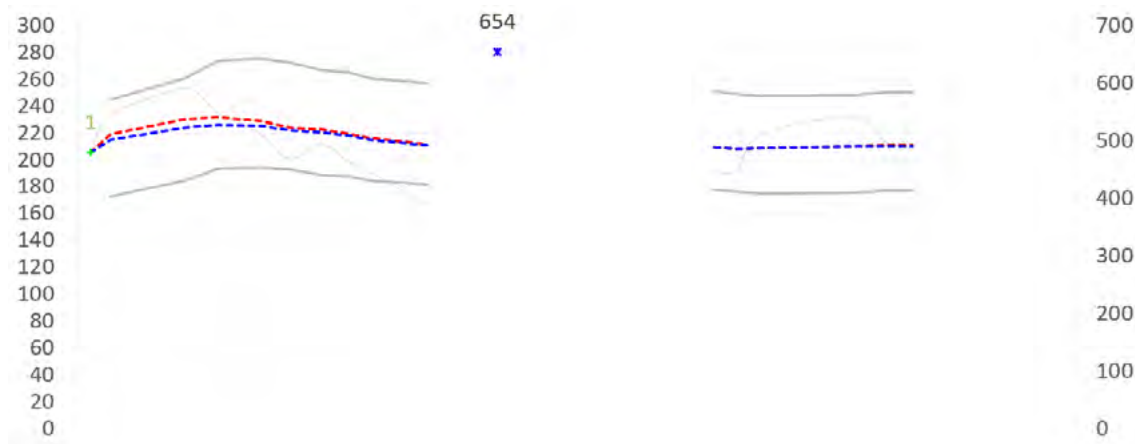
**Fonte:** Elaboração própria

Outrossim, é comum encontrarmos esse tipo de leitura em crianças nessa fase escolar, mesmo que em porcentagem menor, como demonstrado nessa amostragem em que 30% dos informantes produziram uma leitura menos fluída. Todavia, o mesmo não ocorre com os anos e as séries posteriores, em que se torna comum a aparição de gráficos conforme veremos a seguir, em que o aluno proferiu uma frase entoacional para todo

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

o nanoconto, com direção de  $F_0$  descendente, movimento oblíquo, finalização plagal e produziu uma pausa perceptível.

**Gráfico 5.** Representação da entoação realizada por um aluno da 3ª série do EM



**Fonte:** Elaboração própria

Retomando a Tabela 1, no 3º ano, vê-se que as crianças aos oito anos produzem de uma a quatro frases entoacionais, sendo que 50% delas fizeram a leitura do nanoconto com duas frases entoacionais, em conformidade com o controle. Aos 9 anos, houve uma redução de 10% e aumento de 20% para as crianças que produziram uma frase entoacional. Por fim, aos dez e onze anos (idade em que os alunos comumente frequentam o 4º e/ou 5º ano do EF), não houve mais a produção de quatro frases entoacionais, havendo ocorrência maior na execução de uma frase.

Tendo em vista que, aos oito e nove anos (3º ano do EF), os alunos devem estar alfabetizados no término do primeiro ciclo de aprendizagem fundamental – seguindo as determinações do Plano Nacional de Educação (2014), considera-se que as competências relacionadas à decodificação dos elementos linguísticos estariam mais concretizadas. Assim, nos anos seguintes, dá-se continuidade ao aperfeiçoamento conforme o seu crescimento etário/cognitivo, atingindo outros ciclos, de acordo com o previsto por Perrenoud (2004) em sua teoria sobre desenvolvimento/aprendizagem.

Dessa maneira, percebe-se por meio da análise que há um número crescente de informantes que produzem apenas uma frase entoacional – comparando as idades de oito e onze anos, há o aumento de 71,4% de produção de uma frase entoacional contra o decréscimo de 60% de 2 frases entoacionais –, entende-se que os alunos tornam a leitura mais fluída. Todavia, fluidez não significa que o texto tenha tido uma entoação interpretativa, mas que os leitores fizeram uma leitura mais rápida, agrupando todos os elementos fonológicos sem distinção, com brevíssimas pausas intraUBIs e sem muita



expressividade, conforme observado na tabela 2, em que se sobressaem as finalizações plagais e as pausas perceptíveis que se reduzem conforme o crescimento da criança.

Na Tabela 2, estabeleceu-se: (1) na primeira linha abaixo de “Finalização de  $F_0$ ”, há a nomenclatura “Autêntica”, “Plagal” e “Mista”; (2) na linha inferior de “Teste z UBIs finais”, a tabela traz os elementos “simples”, “alongada” e “misto”; (3) logo após “Pausas”, está a quantidade de pausas realizadas pelos alunos, de 0 a 3. Na primeira coluna, estão descritas as idades das crianças, e nas outras há a quantidade de realizações dos elementos executada por eles.

**Tabela 2.** Levantamento do processo de finalização, pausas e teste z de UBIs finais

	FINALIZAÇÃO DE $F_0$			TESTE Z UBIs finais			PAUSAS			
	AUT.	PLAGAL	MISTA	SIMPLES	ALONG.	MISTA	0	1	2	3
8 anos	0	6	4	7	0	3	1	7	2	1
9 anos	2	3	5	6	2	2	5	4	1	-
10 anos	1	4	5	5	2	3	3	7	-	-
11 anos	3	5	2	7	1	2	9	1	-	-
12 anos	4	2	4	4	3	3	4	6	-	-
13 anos	-	7	3	7	1	2	7	3	-	-
14 anos	1	6	3	4	6	-	7	3	-	-
15 anos	3	7	-	5	5	-	5	5	-	-
16 anos	4	4	2	9	1	-	6	4	-	-
17 anos	3	4	3	7	1	2	4	6	-	-
18 anos	3	6	1	7	2	1	0	4	-	-

Fonte: Elaboração própria

Também é importante notar que, nessa produção de frases entoacionais, de oito a doze anos – do 3º ao 6º ano – há uma diminuição relevante em contraposição às idades de treze a dezoito anos – do 7º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. No primeiro caso, a diferença que há entre a execução de duas frases entoacionais a uma é de 13,6%; e, no segundo, temos 69,7% de decréscimo, sabendo-se que os estudantes promoveram mais a articulação de uma frase.

Do 3º ao 6º ano, observa-se que a diferença se ressalta em um momento em que há a mudança do segundo para o terceiro ciclo, quando até a relação entre professor e aluno se diferencia: no primeiro ciclo, conforme visto em Garcia (2018), é comum que os professores produzam o *child directed speech* de modo a se aproximar das crianças e lhes facilitar a aprendizagem. No segundo ciclo, temos um período de transição, em que os

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

alunos começam a passar por um processo de desinfantilização; isto é, eles não costumam ter mais tratamento com um profissional em tempo praticamente integral, e começam a ter contato com especialistas, professores de disciplinas específicas que introduzirão outras linguagens e outros gêneros, tendo de se tornar mais autônomos, tanto na organização de seu próprio material quanto de sua aprendizagem. E, nesse momento também, o ensino da linguagem escrita e sua significação costuma ser ainda mais priorizado em detrimento do uso da entoação ou prosódia.

Tal apontamento se reflete neste estudo, pois, conforme a Tabela 1, é a partir dos doze anos (6º/7º ano) que se observa o aumento de 69,7% na produção de uma frase entoacional, ajudando a caracterizar a leitura mais neutra. Essa prática permanece, de acordo com os estudantes do último ciclo (7º, 8º e 9º ano): enquanto 70% dos participantes de 12 e 13 anos realizaram uma única frase entoacional, 30% deles formaram duas ou mais, sendo que 10% dos alunos de 7º ano produziram duas frases, e 20% dos de 8º ano fizeram três. No ensino médio, ainda que 80% dos estudantes da 1ª série tenham produzido uma frase entoacional, os alunos de 2ª e 3ª série retomaram uma produção de leitura em que há mais de uma construção frasal, sendo elas de 50% e 40%, respectivamente. No entanto, a tabela 2 revela que a finalização plagal foi majoritariamente predominante a partir do segundo ciclo e ensino médio.

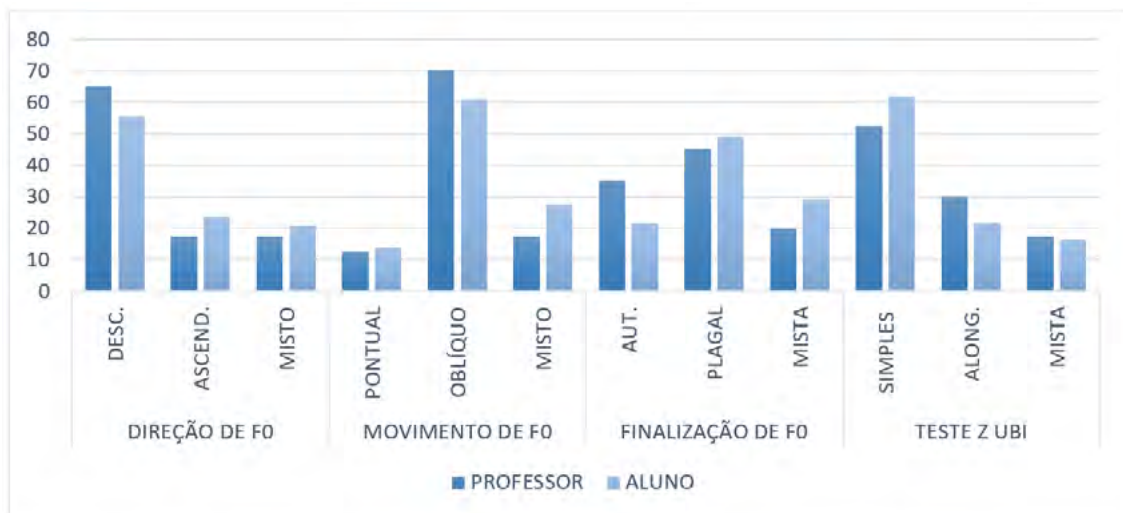
De modo geral, os resultados revelam leituras cuja entoação é realizada de maneira inexpressiva. No total, temos 59,1% de alunos que produziram apenas uma frase entoacional; 61% realizaram a direção descendente; sendo 60,9% de movimento oblíquo, expressando 49,1% de finalizações plagais; 61,8% de UBIs finais simples; e, por fim, 46,4% não fizeram pausas perceptíveis.

Além disso, a porcentagem dos demais resultados ficou muito próxima à dos professores, conforme observado no gráfico 6. Assim, ratificaram-se os estudos de Cagliari (2002), demonstrando que a leitura produzida na escola possui uma entoação monótona, já que os elementos que têm uma maior expressividade numérica são: o movimento oblíquo de  $F_0$  e cuja produção de UBIs é simples, indicando um texto lido sem muitas proeminências; com direção descendente, o que demonstra a produção de assertivas; e a finalização plagal, caracterizando uma leitura sem emotividade e de articulação superficial.

Ainda sobre o gráfico 6, em uma análise estatística, as diferenças apresentadas não são significativas, podendo-se considerar um empate técnico entre professores e alunos. No entanto, é interessante observar que os estudantes trazem uma tendência maior à execução de uma leitura inexpressiva. No caso da direção descendente, os alunos

apresentam 10% menos entoações assertivas do que os professores, o mesmo ocorrendo para o movimento oblíquo. Em relação à finalização autêntica, o destaque é maior para os professores, havendo uma diferença de 13,2%; e, embora haja apenas 4% de decréscimo na plagal, os alunos destacam-se um pouco mais nessa produção. Também é vista a proeminência na realização de UBI simples, com diferença de 9,3%.

**Gráfico 6.** Comparação da entoação entre professores e alunos



Fonte: Elaboração própria

Nesse gráfico, o eixo vertical à esquerda traz valores em porcentagem, e o eixo inferior demarca os elementos do estudo da entoação divididos em “Direção de F<sub>0</sub>” (descendente, ascendente e misto), “Movimento de F<sub>0</sub>” (pontual, oblíquo e misto), “Finalização de F<sub>0</sub>” (autêntica, plagal, mista) e Teste Z das UBIs finais (simples, alongada e mista).

### Considerações finais

Embora os resultados tenham corroborado a informação de Cagliari (2002) de que os textos são lidos de forma neutra, sem emoção, também se notou que eles não estabeleceram um padrão: além de aproximadamente metade dos informantes ter realizado uma única frase entoacional e os demais produzirem duas ou mais, nem todas as pausas perceptíveis foram realizadas após o ponto. Isto é, dos 151 gráficos gerados pelo ExProsódia, notou-se que mais de 50% deles apresentaram pausas perceptíveis depois do período “ao amanhecer”, trazendo uma dramaticidade ao nanoconto diferente do que seria esperado. Além disso, as leituras realizadas pelos alunos de quinze anos (9º ano) não apresentaram emotividade, demonstrando que não houve preocupação em

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

trazer alguma acentuação das partes do texto. Em contrapartida, principalmente em se tratando dos alunos menores, houve casos em que os estudantes se aproximaram mais do controle do que dos alunos dos anos e séries posteriores que, teoricamente, têm mais conhecimento sintático, e vemos esse retorno nas séries finais do ensino médio. Por isso, não podemos dizer que houve uma uniformização quanto ao tipo de leitura, pois as três hipóteses apresentadas no início da pesquisa não foram contempladas em sua totalidade, havendo até formas distintas daquilo que se havia previsto.

A suposição levantada para esses casos deve-se ao fato de essa geração de professores e alunos não ter tido uma preparação consistente para a prática da leitura oral em voz alta com entoação, já que, antes da atual BNCC (2017), os elementos prosódicos não eram casos abordados pelos manuais de educação básica. Dessa forma, será comum que os estudantes repitam essa prática, pois, conforme visto na análise de resultados, eles caminham pela mesma estrada de seus mestres.

Por isso, consideramos: mesmo que a entoação seja um elemento presente desde o nosso nascimento, observou-se que ela não é necessariamente um guia nos anos escolares. Todavia, ela é importante para a formação de uma leitura não só fluída, como também comunicacional, o que será abordado em estudos futuros.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. e ampl. 19. reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 16 abr. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Ensino (PNE)**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRAZIL, D. **The communicative value of intonation in English**. Birmingham: English Language Research, 1985.

BÜHLER, K. **Theory of Language**: The representational function of language. Translated by Donald Fraser Goodwin in collaboration with Achim Eschbach. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011 [1934].

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. *In*: ILARI, R. **Gramática do português falado**. v. II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 37-60.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 8, p. 269-286, 2006.

DAHLET, V. A pontuação e as culturas da escrita. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 8, p. 287-314, 2006.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.B.; MEVEL, J. P. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

FERREIRA NETTO, W. Decomposição da entoação frasal em componentes estruturadoras e em componentes semântico-funcionais. IV Congresso Internacional de Fonética e Fonologia, 2008, Niterói. **Caderno de Resumos**. v. 1. Niterói: UFF, 2008. p. 26-27.

FERREIRA NETTO, W. ExProsódia. **Revista da Propriedade Industrial – RPI**, 2038, p. 167, item 120, 2010. Disponível em: <http://revistas.inpi.gov.br/pdf/PATENTES2038.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

FERREIRA NETTO, W.; CONSONI, F. Estratégias prosódicas da leitura em voz alta e da fala espontânea. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online)**, v. 52, p. 521-534, 2008.

FERREIRA NETTO, W.; CONSONI, F.; PERES, D. O. Finalizações de frase em leituras e frases espontâneas em PB. *In*: **57º Seminário do GEL**, 2009, Ribeirão Preto: UNAERP. jul. 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/2272648/Finalizacoes\\_de\\_frase\\_em\\_leituras\\_e\\_fala\\_espontanea\\_no\\_PB](https://www.academia.edu/2272648/Finalizacoes_de_frase_em_leituras_e_fala_espontanea_no_PB). Acesso em: 08 jan. 2014.

FERREIRA-NETTO, W. **ExProsódia**: Resultados preliminares. São Paulo: Ed. Paulistana, 2016.

- | As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico

GARCIA, R. R. A compreensão das pausas no processo de entoação realizada por professores na leitura de textos narrativos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 33-43, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1957/1346>. Acesso em: 16 nov. 2020.

GARCIA, R. R. O papel das professoras alfabetizadoras no desenvolvimento da entoação. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 47, n. 1, p. 1318-1336, 2018. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1957>. Acesso em: 16 abr. 2020.

HAZAËL-MASSIEUX, M.-C. Le rôle de l'intonation dans la définition et la structuration del'unité de discours. **Bulletin de la Société de Linguistique de Paris**, p. 99-160, 1983.

KUHL, P. K.; TSAO, F.-M.; LIU, H.-L.; ZAHNG, Y.; DE BOER, B. **Língua, cultura, mente e cérebro**: progresso nas fronteiras entre disciplinas. Tradução Waldemar Ferreira Netto e Fernanda Consoni. São Paulo: Paulistana, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Língua falada e língua escrita no português brasileiro**: distinções equivocadas e aspectos descuidados. Ibero-amerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz Internationales Kolloquium. Berlin, Alemanha. 1998.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, M. V. M.; FERREIRA NETTO, W. Retomada do tom médio após intervalos de sonoridade. **Gradus – Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório**, v. 4, n. 2, p. 11-31, 3 jan. 2020.

MILANEZ, W. **Pedagogia do oral**: condições e perspectivas para sua aplicação no português. São Paulo: Sama, 1993.

MORAIS, J.; KOLINSKY, R.; VENTURA, P.; CLUYTENS, M. Levels of processing in the phological segmentation of speech. **Language and cognitive process**, v. 12, n. 5/6, p. 871-875, 1997.

PILCH, H. Intonation in discourse analysis. **Phonetica**, p. 81-92, 1977.

PERRENOUD, P. **Os ciclos de aprendizagem**: um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

ROMPORTL, M. **Studies in phonetics**. Prague: Academia, 1973.

SCHERER, K. R. What are emotions? And how can they be measured? **Social Science Information**, London, v. 44, n. 4, p. 695-729, 2005.

TROUBETZKOY, N. S. **Principes de phonologie**. Trad. de J. Cantineau. Paris: Klincksieck, 1964.

VASSOLER, A. M. O.; MARTINS, M. V. M. A entoação em falas teatrais: uma análise da raiva e da fala neutra. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 1, p. 9-18, 2013.

WU, S.; FALK, T.; CHAN, W.-Y. Automatic Speech Emotion Recognition Using Modulation Spectral Features. **Speech Common**, v. 53, Issue 5, p. 768-785, maio/jun. 2011.

XU, Y.; WANG, Q.E. Component of intonation: what are linguistic, what are mechanical/physiological? *In*: **International Conference on Voice Physiology and Biomechanics**, Evanston Illinois, 1997.

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GARCIA, Rosicleide Rodrigues. As características entoacionais presentes na leitura de professores e alunos do Ensino Básico. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 77-99, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 14/01/2022 | Aceito em: 15/02/2022.

---